

Plataforma Plus São Paulo: Bixiga + Teatro Oficina

Catarina Calil e Lais Silva

Orientadores: Profa. Ms. Fernanda Barbara (EC) e Prof. Ms. José Guilherme Pereira Leite (EC).

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade, 2017-18.

PLATAFORMA PLUS SÃO PAULO

A plataforma Plus São Paulo dá sequência a um processo de trabalho iniciado em Paris pelos arquitetos Frédéric Druot, Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal, que encontrou um novo território de experimentação: São Paulo, através de suas áreas que possuem grande potencial de transformação e adensamento, e que teve especificamente a Vila Buarque como objeto de estudo e projeto da disciplina de Estúdio Vertical, em 2014, na Escola da Cidade.

Desde 2017 o bairro do Bixiga foi incorporado à investigação da Plataforma Plus, com pesquisa e exercícios desenvolvidos pelo próprio grupo, em conjunto com o Estúdio Vertical e, ainda, através do programa de Pesquisa Experimental da Escola da Cidade, cujo relatório final, das alunas Catarina Calil e Lais Silva, é a base do texto publicado nesse Caderno de Pesquisa.

Profundamente conectado à questão do reaproveitamento das situações urbanas existentes, a Plus tem como foco levantar os "territórios capazes", isto é, detectar as oportunidades de fornecer respostas à carência de moradia, explorando os vazios, os edifícios subutilizados, os terrenos a serem adensados. Nesse sentido, a Plataforma Plus busca no corpo do *déjà-là* as potencialidades de projetos futuros, demonstrando que construir *plus* reflete o construir com o existente, atrelado ao corpo urbano atual, sem necessidade de se

deslocar fora dele para encontrar o espaço edificável disponível. A Plataforma Plus se dedica ao aprendizado do urbanismo e da arquitetura, como uma forma atenta de olhar a cidade, na compreensão simultânea das suas diversas escalas, desde o interior das casas, a forma de cada um habitar, até as questões de infraestrutura, legislação urbana, questões sociais, econômicas e ambientais.

Através de um estudo fino do perfil urbano atual das quadras ao redor da Escola da Cidade, bem como do bairro do Bixiga, os estudos da Plataforma procuraram revelar características, identidades e condicionantes do território no qual vão se tornar legíveis as capacidades de transformação do tecido existente; buscando fomentar propostas generosas, duráveis e indissociáveis dos desejos das pessoas que trabalham, frequentam, passam pela região e, especialmente, aquelas que moram no perímetro de estudo definido para essa plataforma.

A Plus São Paulo constrói-se, então, com a dinâmica de alunos da escola da Escola da Cidade e arquitetos colaboradores, orientados pelos professores Fernanda Barbara, Camille Bianchi (até 2017) e José Guilherme Pereira Leite, em parceria com o arquiteto francês Frédéric Druot, que participa do desenvolvimento do projeto constantemente em Paris e de encontros intensivos em São Paulo, que ocorrem periodicamente.

BIXIGA + TEATRO OFICINA: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E DIFERENTES DESEJOS DE CIDADE

Sábado, 29 de julho de 2017, por volta das 5 horas da manhã, enquanto a maioria ainda dormia, 50 famílias foram despejadas de seus barracos com a explosão de bombas, seguidas de um incêndio na Maloca do Jaceguai (CANDIDO, 2017). Um ato da política higienista da prefeitura municipal durante a gestão de João Dória (PSDB), acompanhada por agentes da Guarda Civil Municipal (GCM), do "Rapa" e da Polícia Militar, que efetivou o despejo de cerca de 200 pessoas, dentre as quais mulheres, idosos e crianças, que moravam embaixo do viaduto Júlio de Mesquita Filho (CANDIDO, 2017). Segundo o relato de uma moradora da maloca, que estava grávida e já era mãe de três filhos: "Não entraram num acordo com a gente pra gente tirar as nossas coisas. Eles já vieram com agressão, com bomba. Tacaram a bomba, pegou fogo nos fios, pegou fogo nos barracos com a gente, com todo mundo aqui dentro". (CANDIDO, 2017).

A Maloca do Jaceguai existia desde 2015, situada embaixo do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, elevado que liga as regiões Leste e Oeste da cidade, localizado na região do Bixiga em São Paulo. Os moradores dependiam da ajuda do bairro e do Teatro Oficina, situado na Rua Jaceguai, que realizava diversos trabalhos de atividades culturais e oficinas, sempre em contato com a Maloca e com os moradores do bairro.

O fogo foi controlado por volta das 8 horas da manhã, mas as famílias permaneceram na calçada, sem atendimento algum até as 17 horas do mesmo dia. Durante esse tempo, o Rapa recolheu todos os pertences que as famílias tinham salvado durante o incêndio. O Teatro Oficina abrigou parte das famílias, principalmente as crianças, muitas das quais estavam assustadas com toda a ação.

Eles não deram tempo nem pra gente pegar o material escolar das crianças, roupas, documentos, alimentos, cobertores... foi tudo para o lixo", diz a sem-teto Paula, auxiliar de limpeza e mãe de três crianças, todas matriculadas em escolas da região, há cinco anos vivendo embaixo do viaduto. (CUCA, 2017).

Em uma reunião com os representantes da Maloca, a Prefeitura disse que naquele momento os moradores tinham a opção de procurar albergues ou CTAS (Centro de Testagem e Aconselhamento) pela região. A situação era bastante delicada, considerando o grande número de crianças envolvidas e que muitas famílias estavam com medo de serem separadas. O Teatro Oficina virou ponto de coleta de doações de alimentos, roupas, cobertores, colchões, móveis, madeiras e tudo que pudesse de alguma forma ajudá-los a reconstruir suas casas.

Na época, o Teatro Oficina estava com a peça "Macumba Antropófaga" em cartaz, cujo primeiro ato é um cortejo pelo bairro, ressaltando a importância histórica e cultural do Bixiga, que além de ser um dos bairros mais antigos da cidade, concentra parte significativa dos bens tombados de São Paulo. O percurso da peça passava por alguns espaços que fazem parte da história do Bixiga, como a Casa da Dona Yayá, o TBC, o edifício onde morou o Oswald de Andrade, ruas com sobradinhos típicos e o terreno do grupo SISAN. Durante o período de exibição da peça, fizemos nosso primeiro contato com o bairro do Bixiga, e ela nos permitiu ter uma dimensão do caráter de resistência política, cultural e social desse local.

O cortejo iniciava seu percurso passando pela Maloca do Jaceguai, evidenciando o caráter de comunidade que ali existia e interagindo com os moradores. Com a expulsão da Maloca daquele local, a experiência da peça com os moradores e o bairro se modificou. O cortejo então se apropriou daquele espaço vazio, formando uma enorme roda com todo o público da peça e os poucos moradores que resistiam ali, apenas em silêncio por algum tempo. Atualmente, o trecho dos baixios do viaduto onde se encontrava a Maloca do Jaceguai está vazio, porém gradeado.

1. PERSPECTIVA HISTÓRICA

A relação existente entre o Teatro Oficina e a Maloca do Jaceguai é reflexo do vínculo da Companhia com o bairro. Isso já fica evidente ao se observar a história do Teatro Oficina. Entretanto, quando pesquisamos sobre a formação do bairro do Bixiga, fica ainda mais clara a vocação do local como



FIG. 1:

Rachid, morador da Maloca do Jaceguai, em meio ao incêndio.

Fonte: Jornalistas Livres.

espaço de acolhimento de comunidades distintas e de diversos grupos teatrais.

A formação do bairro, por sua distinção em relação ao entorno, é bastante intrigante por uma sobreposição de fatores. Pode-se começar citando as condicionantes físicas da região: além de ter um relevo de alta declividade, também era cercada por grandes rios, sendo os principais: o Rio Saracura, o Rio do Bixiga e o Rio Itororó. Em decorrência disso, o bairro teve uma ocupação tardia. A primeira ocupação ocorreu apenas em meados do século XIX, por escravos fugidos que originaram o Quilombo do Saracura. A população negra no bairro aumentou principalmente na gestão do prefeito Antônio Prado (1899-1911), durante a qual a elite paulistana e o poder público desalojaram boa parte da população negra que morava na região central. Aqueles negros, obrigados a sair de suas casas, encontraram no Bixiga uma alternativa de moradia, pois além do fato de que parte da população negra de São Paulo já residia no local, também estava localizado perto da cidade, onde havia

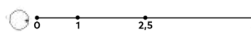
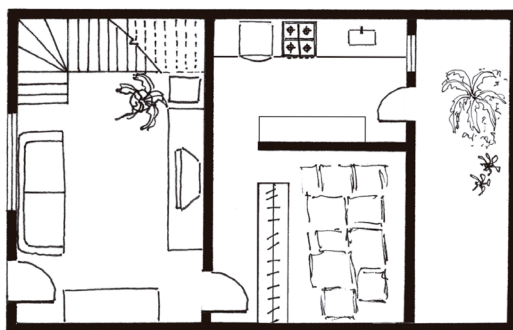
uma maior oferta de emprego e o custo da terra era mais barato.

Podemos afirmar que o preço da terra foi outro fator preponderante na caracterização do bairro; explica, por exemplo, porque a região recebia populações de renda mais baixa que aquelas do seu entorno, incluía um grande número de negros e acolhia pessoas de diversas culturas. O baixo valor da terra foi o que atraiu também os imigrantes italianos para o bairro a partir de 1890.

Apesar de italianos e negros conviverem no mesmo local, as condições de vidas eram distintas: em geral as famílias de italianos viviam na parte alta das casas enquanto os porões eram alugados por negros, pois o preço era ainda mais barato. Essas vivendas coletivas existiam, portanto, desde o início da formação do bairro são os cortiços e as pensões ainda muito presentes. As marcas dessa diversidade na ocupação na formação do bairro resistem até hoje, com as escolas de samba, os grupos de futebol e as cantinas italianas. O incêndio na Maloca do Jaceguai fere justamente a essência da história do Bixiga, ao expulsar de forma



Dina estava na janela da sua casa com seus cachorros quando começamos a conversar. Apesar de ter 75 anos, no seu documento consta 80 anos, já que teve que alterar sua idade no registro para poder se casar, quando tinha apenas 13 anos. Alguns anos depois, em 1962, seu marido morreu e, um tempo depois, veio sozinha de Recife para o Bixiga. Está no bairro há 55 anos e, na mesma casa, há 41 anos. Ela fala com muito carinho de toda a sua história no bairro. Comentou que antigamente, na década de 60, tudo era muito diferente que aquela região era toda formada por barracos, a favela do Vergueiro. Também relembrou da época em que o córrego do Bixiga passava pela rua Japurá. Sempre gostou muito dos teatros e dos artistas da região. Ela tinha um ateliê de costura na rua 13 de maio, onde teve a oportunidade de fazer roupas e figurinos de diversos artistas, como Ruth Escobar e Zé Celso. Atualmente, costuma ficar em sua casa, conversando com os vizinhos.





Jorge Luis, um senhor aposentado de 60 anos de idade, mora sozinho no edifício Center Tower na rua Santo Amaro. Nascido em Piquete, no Vale do Paraíba, veio para São Paulo com 18 anos, morou primeiro com alguns amigos na 9 de Julho, depois em Pinheiros e há dez anos mudou-se para o Bixiga, lugar que gosta muito de morar. Para ele, morar nessa região é muito agradável, uma vez que tem metro, ônibus, bons comércios e a câmara municipal próximos. Além disso, não sente falta de nenhum equipamento de saúde e educação e, nos últimos cinco anos, novas praças foram abertas, como a reforma da praça Paulo Kobayashi, novos comércios e fluxos. Mora ao lado de um novo empreendimento imobiliário, inaugurado há um ano, o Griffé 360, que pensou em comprar, já que além de ser um apartamento novo, o preço do condomínio era bem menor, pagaria 400 reais em relação aos 700 que paga hoje em dia. Porém, as tipologias não o agradaram. A maior parte dos novos moradores do empreendimento são pessoas de fora do bairro, principalmente jovens e estudantes, isso porque, segundo Jorge, o preço do novo empreendimento, 10 000 reais o m², é muito caro para os próprios moradores do Bixiga.



0 1 2,5 5



FIG. 2:
Maloca do Jaceguai interagindo com a peça "Macumba Antropófaga", 2017.
Fonte: Foto de Jenifer Glass.



FIG. 3:
Baixios do viaduto no 1º ato da peça "Macumba Antropófaga", 2017.
Fonte: Teatro Oficina e o Bixiga (Estúdio Vertical 2017).

brutal pessoas que estão inseridas nesse contexto e que puderam fazer do Bixiga o bairro de sua moradia.

À medida que o espaço urbano de São Paulo se ampliava, o bairro do Bixiga se integrava à cidade. Criaram-se acessos por ruas que faziam a transposição dos rios que margeavam a região, mas que, com a expansão da cidade, foram tamponados para dar lugar à criação de grandes avenidas. A primeira delas, mais distante da região central, era um eixo que abrigava os casarões dos cafeicultores paulistas, a Avenida Paulista, inaugurada em 1891.

As estradas-avenidas seguintes só foram construídas quando do vertiginoso crescimento urbano no período do desenvolvimento industrial da cidade, nas primeiras décadas do século xx. Em 1937, o Rio Itororó deu lugar à Avenida 23 de Maio e, em 1941, o Rio Saracura foi tamponado para que fosse construída a Avenida 9 de Julho.

Apesar disso, o caráter de bairro plural e de intensa vida pública se manteve e, aos poucos, foi se ampliando. Em meados da década de 1950, a partir da instalação do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1948, começaram a surgir diversos teatros na região, acompanhados de bares, que acabaram se estabelecendo nos arredores das casas teatrais, mostrando uma vocação para a vida noturna. Esse novo caráter foi reflexo do crescimento da cidade, ocorrido principalmente entre as décadas de 1940 e 1960.

A respeito da produção cultural em São Paulo, alguns setores da educação e da arte consolidaram um processo de amadurecimento que vinha desde 1920. A principal motivação desse processo surgiu de um desejo de ruptura em relação ao passado, associado a uma necessidade de explorar novas linguagens. O imigrante, que teve forte atuação como mecenas das artes, e a camada emergente de intelectuais vinculados às novas instituições paulistanas e aos representantes governamentais da cidade, possibilitaram que esse desejo de modernização econômica, social e política fosse efetivado.

Apesar de vinculado a esse contexto, o desenvolvimento teatral diferia das outras artes por um aparecimento mais tardio, a partir da década de 1940 com o Grupo de Teatral Experimental (1942) e a

criação do Teatro Brasileiro de Comédia (1948) por Franco Zampari.

Entender a atividade teatral, no cenário que vem desde meados da década de 50 até os dias atuais, é uma peça fundamental para entender a trajetória social e política da cidade de São Paulo. (FORJAZ, 2014)

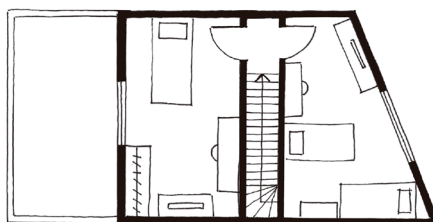
A partir disso a atividade teatral começou a se ampliar, processo evidenciado pelo surgimento de vários pequenos teatros no próprio bairro do Bixiga e também na Vila Buarque, na República e em Santa Cecília. Eles tinham caracteres muito semelhantes, como serem pequenos, independentes e, em grande parte, estudantis. Esses teatros, associados a museus, universidades, bibliotecas, bares, espaços públicos e outras instituições, foram responsáveis por criar um circuito cultural na região central da cidade, que gerava uma qualidade de vida urbana única.

Essa dinâmica urbana e a democratização do acesso à cultura foi interrompida com a implantação da ditadura militar (1964-1985) que não apenas reprimiu de formas variadas os cidadãos, mas deixou fragmentos físicos na cidade, como o Viaduto Costa e Silva, recentemente renomeado para Viaduto João Goulart, popularmente conhecido como Minhocão.

O viaduto destruiu o triângulo urbano habitado por vida civil qualificada, que tinha continuidade e animava a vida do espírito e boemia na cidade, que tinha um de seus vértices, a leste, nos teatros do Bexiga — incluindo aí o TBC e o Oficina — outro, ao norte, no ponto em que se encontravam o jornal O Estado de São Paulo e a Biblioteca Mário de Andrade, com toda a sua estrutura construída de rara urbanidade e beleza [...], a oeste, o terceiro vértice da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo, na Rua Maria Antônia. [...] Precisamente esta região urbana produziu uma quantidade incomum de cultura séria, de vanguarda e de alto nível nos anos 1950 e 1960, de modo coordenado, que criou o adensamento e impactou o país. Enquanto aquela cidade integrada de

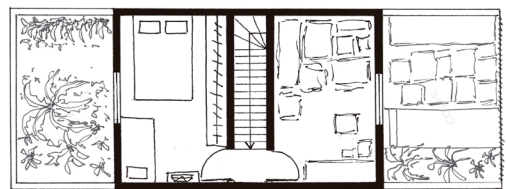


Marlene, uma senhora paranaense de 58 anos, mora com o marido pernambucano (Edson, 64 anos) e com a filha na rua Japurá há 23 anos. Hoje em dia é aposentada e conhece os vizinhos fixos da rua, mas em geral são moradores das pensões, que ela não tem muito contato. Nos seus momentos de lazer, frequenta alguns teatros e eventos no bairro, como a festa do Archiropita. Sente falta da festa junina que acontecia na rua alguns anos atrás. Em relação as mudanças recentes no bairro, Marlene reparou nos novos prédios e acredita que é "a modernidade chegando". Mas ela não se preocupa em ser expulsa da região, porque as casas da rua são todas tombadas. Edson comentou que tiveram muitas mudanças na região, que está mais segura e que antes as casas da rua alagavam bastante. Não acha que faltam muitos equipamentos no bairro, só alguns espaços de lazer para as crianças.





Paulo, 63 anos, mora na mesma casa sozinho há 25 anos. Antes de comprar essa casa, morou durante 15 anos nas pensões da região e, nos relatou que o bairro melhorou muito nos últimos anos, que 20 anos atrás era terrível. Hoje em dia é aposentado e trabalha com reciclagem, tanto é que usa os próprios cômodos da sua casa para separar os materiais. Tem uma boa relação com seus vizinhos, menos com dois deles. Contou que apoia o Parque do Bixiga e que acompanhou um pouco a polêmica sobre o terreno em questão. Por fim, dentro de sua casa não escuta muito barulho, acha bastante tranquilo.



0 1 2,5 5



FIG. 4:
Construção do Minhocão em frente ao Teatro Oficina, 1969.
Fonte: Coleção iconográfica Casa da Imagem, Prefeitura de São Paulo.

FIG. 5:
3º Teatro Oficina, Lina BoBardi e Edson Elito.
Fonte: Blog "Prancheta de Arquiteto".

fato existiu, ela produziu mais e melhor que toda a cultura dos anos 1970 e 1980, da cidade que foi cindida e dispersada pelo Minhocão. (AB'SABER, 2015, p.28).

A região central da cidade foi aos poucos sendo fragilizada com a dispersão desses agentes que potencializavam a "cidade viva" que havia se formado, com exceção de locais pontuais de resistência. O processo de redemocratização ocorrido no Brasil da década de 1980 traria novos impulsos e propostas para a produção teatral, porém os recursos eram escassos. Esse processo, de certa maneira, levaria também, já na década seguinte a criação do movimento "Arte contra barbárie" (1999-2001) que, em 2002, chega a seu ápice quando escreve-se a "Lei de Fomento ao Teatro" (SÃO PAULO, 2002)

Com o incentivo financeiro, os grupos teatrais voltaram a ocupar alguns locais da cidade, como a Praça Roosevelt. Apesar de a chegada dos teatros ter sido essencial para a reocupação daquele espaço, também gerou um processo de gentrificação muito intenso, aumentando de forma significativa o valor dos aluguéis, impossibilitando que os antigos residentes permanecessem naquele espaço, inclusive os grupos teatrais.

Percebe-se que a atividade teatral em São Paulo é marcada por ciclos de ascensão e declínio, que em geral não ultrapassam dez anos. Vemos no Teatro Oficina uma exceção, um raro exemplo de continuidade da atividade teatral, em funcionamento desde o final da década de 1950.

A Companhia do Teatro Oficina foi criada na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1958, por José Celso Martinez e Renato Borghi. A primeira fase do Teatro Oficina vai de 1961 até 1966, quando o arquiteto Joaquim Guedes projetou o espaço teatral em forma de "sanduíche", com um palco central entre duas plateias, posicionadas uma de frente à outra. Essa formação permaneceu até um grande incêndio que destruiu completamente o espaço, levando a uma ampla reforma do local.

O segundo projeto para o teatro, de autoria de Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, consistia em uma arquivancada de concreto e um palco italiano com plataforma giratória. O novo desenho coincide com o momento que a companhia

ganhava notoriedade nacional e internacional. Foi também nesse período que a arquiteta Lina Bo Bardi se aproximou do grupo como cenógrafa de algumas peças, entre elas, "Na selva das cidades". A peça foi encenada em 1969 e teve seu cenário construído a partir dos destroços físicos deixados pela obra do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, que havia começado a ser construído em 1968. Isso foi de grande importância tanto para Lina quanto para a companhia, porque criava uma relação mais franca e íntima com o local.

A década de 1970 não foi de grandes produções, por conta do cenário político do período e do exílio de Zé Celso (diretor e fundador da companhia), entre 1974 e 1979. Na década de 1980 inicia-se o projeto da companhia "Uzyna Uzona". Nesse momento, o grupo Sisan demonstra interesse na região e começa a comprar os lotes do entorno. No dia 30 de outubro de 1980, o grupo faz uma proposta ao dono da edificação do Teatro Oficina para comprá-lo também, já que, até então, a companhia alugava o espaço.

A partir desse momento, o Teatro Oficina passa a se articular de diversas formas para conseguir manter seu espaço. É realizado o "Domingo de Festa" no Parque Ibirapuera para a arrecadação de dinheiro para dar entrada na compra do teatro. Em paralelo, Zé Celso entra com a primeira tentativa de tombamento do teatro pelo Condephaat. O diretor encaminha uma solicitação ao conselho de defesa do patrimônio no dia 27 de novembro de 1980 e, nesse primeiro pedido, alega que a edificação deve ser tombada para preservar as características originais da edificação, um antigo casarão da Bela Vista. Esse processo foi arquivado quase um ano depois, no dia 18 de setembro de 1981.

Zé Celso entra com um novo pedido, no dia 02 de dezembro de 1981, mas, por manter o argumento anterior, o processo foi novamente arquivado. A terceira tentativa para solicitar o tombamento acontece no ano seguinte, no dia 12 de agosto de 1982, mas dessa vez sob novo argumento, de que não se tratava da preservação arquitetônica do bem, mas da proteção cultural de um bem coletivo. Apesar de inicialmente rechaçados esses argumentos fariam com que o Teatro Oficina fosse

tombado no dia 10 de dezembro do mesmo ano, com a Resolução n.67, e publicado no Diário Oficial no dia seguinte. Porém, a resolução teve de ser anulada pois os proprietários haviam entrado com recurso no dia 07 de dezembro. O tombamento de fato só acontece no dia 10 de fevereiro de 1983, com a Resolução n. 6 (idêntica à Resolução 67 de dezembro de 1982).

O parecer, assinado por Flávio Império, defendia o tombamento pela importância da companhia e da pesquisa teatral realizada pelo grupo, e sua relação com o bairro histórico:

[...] meu parecer é inteiramente favorável, por razões que se encontram apoiadas na opinião de nossos historiadores e críticos especializados, quanto à importância dos trabalhos realizados pelo Grupo Oficina.

[...] o próprio "edifício" do teatro Oficina um elemento de suma importância para documentação de como se deu, nos anos 70, o surto de pesquisas de linguagem teatral [...].

Num desses casarões típicos da arquitetura paulista dos anos vinte, construídos pelos imigrantes italianos [...] hoje em fase de extinção do "moderno" panorama da cidade, foi que, nos anos sessenta o Grupo Oficina conseguiu fixar sua sede. (IMPÉRIO, 1983)

Além disso, registra que o tombamento não deveria "congelar" o edifício nem as experimentações espaciais do grupo:

Observação: O "teatro" Oficina passou por vários tipos de organização interna da relação palco-platéia: atuante-espectador. Esse fator constitui-se em parte integrante de suas pesquisas: o "espaço" da cena. Um dos elementos básicos da sua pesquisa de linguagem eminentemente teatral. Seu "tombamento não deveria, portanto, considerar "fixo", congelado, o seu equipamento interno, para não estrangular as novas ou futuras propostas de pesquisa do Grupo. (IMPÉRIO, 1983)

Assim, o tombamento do Condephaat define o Teatro Oficina como sendo um bem cultural de interesse histórico. Apesar de a resolução ter sido aprovada, os proprietários do imóvel tentam entrar com mais um recurso no dia 23 de janeiro de 1984, que foi negado e, no mesmo ano, o edifício é desapropriado e torna-se propriedade do Estado de São Paulo para torná-lo um teatro público sobre a administração do Oficina.

Os questionamentos em relação à conformação espacial de teatro italiano do projeto de Flávio Império e de Rodrigo Lefèvre, que já não fazia mais sentido para as novas experimentações do grupo, somam-se à insatisfação com a situação degradante em que o teatro se encontrava. Nesse momento, Zé Celso convida a arquiteta Lina Bo Bardi, em parceria com Edson Elito, para fazer o projeto do terceiro teatro da companhia.

A principal diretriz do terceiro teatro é a ideia de "rua que atravessa o lote", fazendo a ligação entre a Rua Jaceguai e o terreno lindeiro, que atualmente pertence ao grupo Sisan. Nas laterais da "rua interna" estão duas estruturas tubulares (tipo Rohr) para receber um público de até 450 pessoas. Essa nova conformação é inaugurada em 1993.

Oficina é o que resistiu da história humana teatral, urbanística e arquitetônica deste lugar do Bixiga na Jaceguay, é um nada [...] e o que este nada preenche e esvazia como sua expansão e contração natural: a necessidade de uma arquitetura virando teatro, que vira urbanismo que chega na construção de uma Ágora, de uma praça pública. Arqueologia urbana, não é Lina? (CORREA apud LIMA, 2008, s.p.)

Em 2002, durante a montagem de "Os Sertões", a companhia aprofunda seus laços com as pessoas do bairro por meio do "Movimento Bexigão", que visava integrar as crianças do bairro às atividades realizadas pela companhia. Nesse mesmo ano o Teatro Oficina é tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) por ex-officio, como consequência direta do tombamento em órgão superior.

Assim, no dia 10 de dezembro de 2002, com a Resolução n. 22 feita pela presidente do Conpresp Leila Regina Diêgoli, foi tombado o Teatro Oficina sob o Nível de Preservação 1, o grau máximo de preservação no âmbito municipal:

[...] o que garante a preservação integral do bem tombado incluindo todas as suas características arquitetônicas da edificação, externas e internas.

[...] de maneira que qualquer construção, demolição ou alteração dos imóveis sites em sua área envoltória tivessem que submeter-se à autorização específica do CONPRES, que levaria em conta a ambiência e coerência com o bem tombado. (DIÊGOLI, 2002, s.p.)

Em 2010 o Teatro Oficina foi tombado em nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O processo teve início no dia 11 de março de 2003, quando Zé Celso envia uma carta argumentando pelo tombamento federal do Teatro Oficina e sua área de entorno, como obra de arte urbana (IPHAN, 2010). Porém, o pedido foi arquivado em 1 de dezembro no mesmo ano, pois o Conselho concluiu que não cabia ao órgão de preservação decidir o que seria realizado no terreno de Silvio Santos (solicitação que vinha atrelada ao pedido de tombamento do Teatro Oficina), sugerindo que a forma de solucionar esse impasse seria justamente desapropriando o terreno.

No dia 16 de fevereiro de 2004, o processo é aberto e, alguns meses depois, no dia 12 de maio, acontece uma reunião do colegiado para debater novamente o tombamento, mas nada se conclui. Após três anos, em fevereiro de 2007, o grupo do Teatro Oficina envia uma carta reiterando o pedido de tombamento, mas o processo acaba sendo arquivado mais uma vez, no dia 13 de fevereiro de 2008. Finalmente, passados oito anos da primeira solicitação de tombamento, no dia 21 de maio de 2010, foi emitido um parecer técnico positivo ao tombamento, que foi aprovado no dia 24 de junho do mesmo ano.

O parecer emitido pela então presidente do Iphan, Jurema Machado, destaca três pontos principais em favor do tombamento. O primeiro dele diz respeito à "importância

da companhia por sua permanência" (MACHADO, 2010, s.p.), como fica evidente no seguinte trecho do parecer:

[...] o que distingue o Oficina de todos eles (teatros), é a continuidade. Não a longevidade, que seria muito, mas a permanência com renovação, permanência lastreada no vínculo com o presente, com o lugar, com a Terra — como o Canudos — e com a cidade. E nisso o edifício e sua inserção explicam muita coisa; são, ao mesmo tempo causa e consequência. (MACHADO, 2010, s.p.)

Também cita-se a "beleza arquitetônica" do teatro e ressalta-se a sua relação com o bairro:

[...] é assim que essa arquitetura, entalada em um lote exíguo, limitada por todos os lados, feita de um aparente provisório, entre andaimes e fragmentos de terra batida, encravada em um bairro cuja riqueza e diversidade têm sido tão maltratada pela cidade [...].

É imediato associar o Teatro Oficina a esse contexto por duas vias: tanto o Oficina pode ser tomado como elemento chave de um processo de reabilitação, quanto a preservação dos valores do bairro é essencial à vitalidade do Oficina. (MACHADO, 2010, s.p.)

O Teatro Oficina foi inscrito no Livro do Tombo Histórico e no Livro do Tombo de Belas Artes. Além disso, a decisão deixava em aberto a delimitação do entorno, pedindo uma reavaliação posterior, e cita:

Pela manifestação, ao Ministro da Cultura, de que o Ministério e o governo federal identifiquem mecanismos que viabilizem a destinação do terreno contíguo ao Teatro Oficina para um equipamento cultural de uso público, utilizando mecanismos tais como a aquisição, a desapropriação ou a conjugação destes como instrumentos urbanísticos a serem identificados [...]. (MACHADO, 2010, s.p.)

Em relação ao entorno, o que fica determinado é a proteção ao janelão, que foi incorporado à edificação no projeto

de Lina Bo Bardi e Edson Elyto, bem como sua relação visual com a cidade. Assim, estabelece-se que não se deve construir até 20 metros a partir do janelão, dentro de um ângulo de 45 graus, criando um cone de proteção. No mesmo período, em 2010, a companhia saiu em turnê pelo Brasil com o espetáculo "Dionisíacas em viagem". Levaram consigo o espaço teatral conhecido como "Teatro de Extádio", com capacidade para 2000 pessoas, a fim de trazer multidões para assistir ao espetáculo, como no futebol.

A estreia da temporada aconteceu em São Paulo, e contou com a liberação pelo Grupo Sisan do terreno ao lado do Teatro Oficina para a instalação do "Teatro de Extádio". Ao implantarem, mesmo que de forma provisório, o "Teatro de Extádio" no terreno de Silvio Santos, eles tiveram uma nova experiência de viver aquele espaço, o que foi de extrema importância para a companhia e para as novas diretrizes de intenções do grupo para aquele local.

No ano de 2013, a companhia do Teatro Oficina participou da x Bienal de Arquitetura "Cidade — modos de fazer, modos de usar, modos de colaborar", que deu origem ao Caderno Residência Bixiga (2013). A ideia era criar uma residência para pensar projetos para o terreno do Grupo Silvio Santos.

2. DISPUTA POR DIFERENTES DESEJOS DE CIDADE

A atividade da companhia Uzyna Uzona segue intensa. Desde o começo de 2017, já realizaram a remontagem de algumas importantes peças do seu repertório, entre elas "Bacantes", "Macumba Antropófaga", "O rei da Vela" e, no momento, estão encenando a obra "Roda Viva" de Chico Buarque. Além da atividade teatral, desde o incêndio na Maloca do Jaceguai são muito frequentes os movimentos de luta pela terra.

As torres ameaçam essa janela, que é uma conexão do teatro com a cidade, de onde se vê São Paulo, o Minhocão, o TBC, e onde, no escuro da noite, o público pode se encontrar com seu reflexo. [...] Essa árvore foi plantada pela Lina Bardi, exatamente como na Casa de Vidro. No chão, os atores se ligam com o terreno,

com o subterrâneo. É céu, a terra e o inferno. É um teatro cosmopolítico. (CELSO apud MAIA, 2017).

O incêndio foi um ataque direto ao bairro, impondo um modelo de cidade ao qual o Bixiga vem resistindo. Não foi uma ação isolada, está vinculado a uma série de mudanças que estão sendo impostas ao bairro. Mesmo que de maneira tímida, nos últimos anos se percebe a implantação de novos empreendimentos. A pesquisa no qual esse relato se baseia contabilizou vinte novas construções imobiliárias no bairro desde 2015.

Para criar um melhor diálogo entre esses novos empreendimentos e o entorno, acreditamos que alguns fatores deveriam ser mais bem amparados legalmente. O primeiro deles diz respeito aos bens tombados. Apesar de muitos deles não terem uma área envoltória regulamentada, as novas edificações que são implantadas em seu entorno imediato devem respeitar a visibilidade e a inserção desses patrimônios na cidade. Além desse, podemos indicar ainda os seguintes pontos que deveriam receber maior atenção:

- Gabarito do bairro: no Bixiga fica evidente a predominância de pequenas edificações, em grande parte sobrados de dois andares, e a existência de poucos edifícios que raramente ultrapassam dez andares (cerca de 30 metros);
- Garantia da permanência dos moradores atuais: o valor das novas unidades habitacionais está acima do valor médio do bairro, o que cria uma tendência ao processo de gentrificação;
- Manter a relação com o pedestre: muitos desses condomínios não buscam estabelecer uma relação com o entorno e, contornados de muros, se fecham para a rua, como se lhe virassem as costas. Assim, as dinâmicas urbanas que estão estabelecidas no bairro, de uma relação de proximidade entre o pedestre e os usos dos térreos, são negadas por esses novos empreendimentos.

O terreno do grupo Sisan, que ocupa quase a quadra inteira do Teatro Oficina, evidencia essa situação, por ser uma consequência da sobreposição de todos esses fatores. A disputa em relação ao destino desse solo é muito simbólica, acentua e traz para o debate público as divergências entre dois



FIG. 6:
Mapa de aspectos sociais.
Fonte: Geosampa.

desejos opostos de cidade. De um lado, há um modelo de construção de cidade que ganhou força desde meados da década de 1970, ligado ao transporte individual, às grandes avenidas-estradas e ao avanço do mercado imobiliário associado a uma crescente especulação. Do outro lado, a resistência notável do Teatro Oficina e de seu entorno contra esse processo. Mesmo diante do Minhocão, um dos maiores símbolos da construção de uma cidade de caráter anti-urbano, o espaço do Oficina e seu entorno ainda exibem uma resistência que se verifica em poucos locais da cidade.

Ao longo dos 38 anos de disputa, os dois lados propuseram diversos projetos para o terreno. Atualmente, o grupo Sisan propõe a construção de três torres de quase 100 metros de altura, com ampla área de lazer para os residentes, projeto considerado problemático em diversos aspectos. O primeiro deles diz respeito à altura das torres, em total desacordo com o caráter da região e que impactará na iluminação do entorno, uma vez que as imensas torres gerarão um grande sombreamento. O projeto do conjunto desconsidera e não preserva a perspectiva visual do janelão do Teatro Oficina, bloqueando a importante relação entre o teatro e a cidade. Além disso, o espaço destinado a vagas de carro seria inviável, considerando as ruas do entorno, isto é, eixos viários do interior de um bairro residencial de menor adensamento, e que, portanto, não foram pensados para suportar tamanho contingente. O projeto das torres ainda desconsidera as características físicas e naturais daquele local, como, por exemplo, o córrego do Bixiga que, apesar de estar tamponado, passa pelo terreno exatamente no local onde se pretende construir uma das torres, o que exige um estudo mais aprofundado da ocupação e do impacto sobre a rede hídrica.

Nesse sentido, consideramos a necessidade de investigar a situação em que o córrego se encontra, de tal maneira que fosse possível indicar o impacto e os prováveis resultados do projeto das torres residenciais do Silvio Santos. Assim, ao descobrir que o grupo Sisan já tinha entrado com o pedido de desvio do córrego em 2015, agendamos uma consultoria no DEPAVE 4. A fim de nos aprofundarmos no tema e entendermos com mais clareza a

importância do córrego nesse contexto específico, nos aproximamos de alguns profissionais especializados e que já haviam realizado estudos sobre a Bacia do Bixiga, entre eles o engenheiro Sadalla Domingos e o arquiteto e urbanista Newton Massafumi.

Segundo esses estudos, por conta da forma como ocorreu o processo de urbanização no bairro do Bixiga, a região é considerada uma das ilhas de calor mais críticas da cidade de São Paulo. Ilha de calor, como o nome já diz, é um trecho de uma região urbana que apresenta temperaturas médias mais elevadas que seu entorno. O fenômeno tem relação direta com a extensa urbanização, já que essa geralmente significa grande impermeabilização do solo e baixo índice de vegetação. No inverno, as ilhas de calor podem apresentar temperatura média de 4 a 7 graus maior que as da sua região, e a umidade relativa do ar também é bem menor, piorando drasticamente a qualidade do ar nesses trechos da cidade.

Assim, para reverter a situação é necessário rever as características urbanas desses trechos da cidade, logo, é preciso aumentar a permeabilidade do solo, bem como o índice de vegetação. Melhorar esses aspectos do Bixiga também ajudaria a acolher melhor os fluxos de água e, dessa forma, colaborar com a solução dos problemas vinculados aos alagamentos. Como a microbacia do Bixiga abriga a maior parte dos fluxos de água do bairro, investigar e propor novas formas de abordá-la nesse cenário urbano específico é mais do que urgente. Olhar córrego do Bixiga e sua microbacia, permite uma abordagem que pode ter um caráter exemplar no quadro global dos problemas de drenagem na cidade de São Paulo.

Em total desacordo com todas as questões aqui mencionadas, o grupo Sisan continuou se articulando para a aprovação do projeto das torres residenciais nos órgãos de tombamento. Conseguiu a aprovação no Condephaat no dia 23 de outubro de 2017, com quinze votos a favor da construção das torres contra sete contrários. Assim, fica evidente que esse tipo de empreendimento só ganha cada vez mais força na cidade, muito provavelmente por uma desarticulação nos aparatos legais e um afastamento da opinião pública. O poder público e a



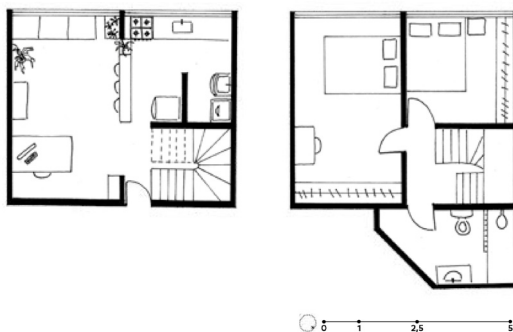
FIG. 7:

Mapa de águas.

Fonte: Geosampa; Professor Sadalla Domingos. Levantamento realizado pelas autoras.



Stella tem 24 anos e, de forma geral, mora sozinha em um apartamento no edifício Japurá, pois só três vezes por semana sua mãe costuma dormir por lá. Ela costuma passar o dia na Vila Buarque porque faz estágio de manhã por lá em um escritório de arquitetura e de tarde vai para a Escola da Cidade, faculdade de arquitetura e urbanismo. Apesar de ser paulistana, morou durante 10 anos em Arujá e foi morar no Bixiga justamente pela proximidade com a faculdade. Começou a conhecer mais os vizinhos recentemente, por conta de um trabalho acadêmico que está desenvolvendo. Frequenta o bar planalto, mas reclamou dos mercados da região, pois eles são caros e não tem uma grande variedade de produtos. Recentemente percebeu que estão chegando mais imigrantes na região e, no seu prédio, estão chegando moradores mais jovens. De dentro do seu apartamento, costuma escutar diversos barulhos vindos da rua, principalmente no período da noite, de pessoas gritando, caminhão, igreja evangélica, entre outros.





Vitor, um senhor boliviano de 88 anos, atualmente mora sozinho em um edifício na rua Francisca Miquelina. Está lá há 30 anos e antes morava com a sua esposa. É aposentado e gosta de passar o dia ao ar livre, passeando na sua rua, logo tem uma boa relação com os vizinhos.

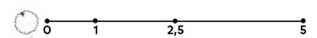
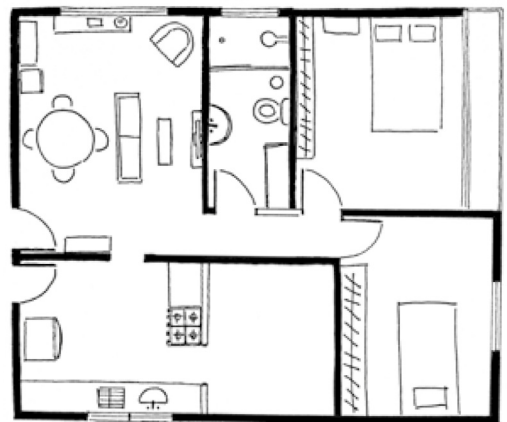
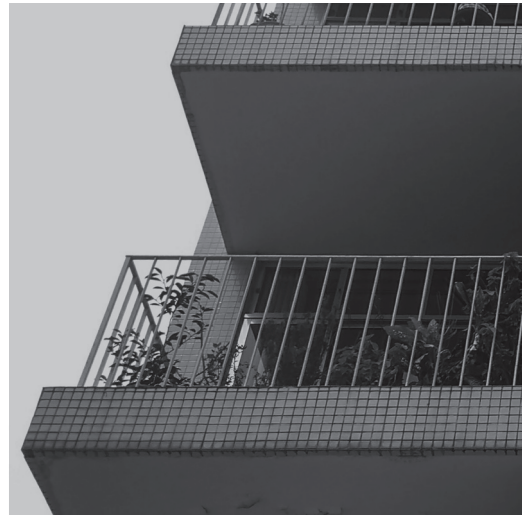




FIG. 8:

Manifestação em apoio ao Parque do Bixiga.
Fonte: Foto Rafael Arbex - Estadão Conteúdo.

FIG. 9:

Proposta Plataforma Plus São Paulo: Bixiga.
Fonte: Elaborado pelas autoras.

sociedade deveriam se sensibilizar mais com essas situações.

O Conpresp optou por aguardar a decisão do Iphan que, no dia 29 de maio de 2018, aprovou o projeto do grupo Sisan, legitimando a construção no âmbito dos órgãos de preservação do patrimônio. Em contrapartida, o Teatro Oficina vinculado a outras associações do bairro e ao vereador Gilberto Natalini (PV) propuseram o Projeto de Lei 805/2017, com o intuito justamente de destinar o terreno para a criação de um parque público. O parque tem potencial de rever questões correntes do processo de urbanização da cidade de São Paulo, resgatando a relação entre cidade e natureza, considerando a hidrografia e topografia do terreno e ampliando as áreas com equipamentos culturais voltadas para o Bixiga.

Ao considerar a hidrografia do terreno e a existência do Córrego do Bixiga, seria criada uma grande área permeável, com extensa vegetação e com o rio renaturalizado. Esse local ajudaria, conseqüentemente, a absorver parte das águas que correm pelas ruas de São Paulo e, à medida em que expandimos o horizonte de atuação para as ruas “que chegam” no parque, poder-se-ia propor uma maior impermeabilização dos calçamentos e uma quantidade maior de árvores, fazendo com que a água fosse absorvida de forma gradativa. Como resposta e conclusão da pesquisa, propusemos diretrizes para se pensar o Parque do Bixiga. A ideia de uma grande área verde e de um espaço livre para o bairro nos parece essencial e necessária no cotidiano dos moradores.

Esse projeto de lei é, portanto, um respiro, e a renaturalização do Córrego do Bixiga deve ser considerada uma das principais diretrizes desse projeto. Todos os estudos e levantamentos que realizamos vão de encontro a esse desejo que, para além de ser uma nova forma de abordar os recursos naturais — que tantas vezes foram negados no espaço urbano —, é simbólico, no sentido de trazer melhorias para o bairro do Bixiga e para a cidade.

Essa terra de 11 mil m², atravessada por baixo pelo Rio Do Bixiga, que junto com o Saracura e o Itororó desembocam no Anhangabaú [...], é um território especial, que precisa ser preservado, como um

(sic) riqueza arqueológica viva, como o último chão de terra livre do centro da cidade, como uma área envoltória de bens históricos, artísticos e culturais tombados. (PARQUE DO BIXIGA, 2018).

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Tales. **Conciliação, regressão e cidade**. São Paulo: ECidade, 2015.
- CANDIDO, Luciana. Nos tiraram do viaduto para nos jogar na calçada. Muito obrigada, Sr. Prefeito. **PSTU**, São Paulo, 03 ago. 2017. Disponível em: <www.pstu.org.br/nos-tiraram-do-viaduto-para-nos-jogar-na-calcada-muito-obrigada-sr-prefeito/>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- CIDADE: MODOS DE FAZER, MODOS DE USAR. X BIENAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO. 2013, São Paulo. **Caderno Residência Bixiga**. São Paulo: X Bienal de Arquitetura, 2013. Disponível em: <teatrofocina.com.br/wp-content/uploads/2017/03/2013_CT71-EP-ARG-DOC-CADERNO-RESIDENCIA-RO2-1.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- CUCA – Circuito Universitário de Cultura e Arte. Com fogo, Doria Jr. manda arrancar 50 famílias do centro de SP. **Jornalistas Livres**, [s.l.], 29 jul. 2017. Disponível em: <jornalistaslivres.org/com-fogo-doria-manda-arrancar-familias/>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- DIÊGOLI, Regina Leila. Parecer constante no processo. **CONPRESP. Processo número 22 do Teatro Oficina**. São Paulo: Conpresp, 10/12/2002.
- FORJAZ, Cibele. Teatro-Cidade. **Bau/Escola da Cidade**, São Paulo, 24 fev. 2014. Disponível em: <escoladacidade.org/bau/cibele-forjaz-teatro-cidade/>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- IMPÉRIO, Flávio. Parecer constante no processo. **CONDEPHAAT. Processo número 22368**. São Paulo: Condephaat, 10/02/1983.
- IPHAN. **Processo número 01450.005674/2008-21**, Teatro Oficina, no município de São Paulo, no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Iphan, 2010.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck Lima. Por uma revolução da arquitetura teatral: o Oficina e o Sesc da Pompéia. **Portal Vitruvius**, Arqutextos, 101.1, ano 9, out. 2008. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/09.101/100>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- MACHADO, Jurema. Parecer constante no Processo. **IPHAN. Processo número 01450.005674/2008-21**, Teatro Oficina, no município de São Paulo, no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Iphan, 2010.
- MAIA, Maria Carolina. Zé Celso e o Teatro Oficina: Somos índios em luta pela terra. **Veja**, São Paulo, 4 nov. 2017. Disponível em: <veja.abril.com.br/especiais/ze-celso-e-o-teatro-oficina-somos-indios-em-luta-pela-terra/>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- PARQUE DO BIXIGA. **Faça parte dessa luta**. Disponível em: <www.facebook.com/parquedobixiga/posts/2074614456086044>. Acesso em: 30 jul. 2018
- SÃO PAULO (Município). **Lei nº 13.279**, de 08 de janeiro de 2002. Institui o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo e dá outras providências.

SOBRE AS AUTORAS

Alunas de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade.

silvalaismp@gmail.com
catacalil@hotmail.com